

/traduções

Redescobrindo Um Filósofo Híbrido: Georges Canguilhem¹²

Francisco Vázquez García³

Universidad de Cádiz

[T R A D U Ç Ã O]

Leonardo Moreira Gomes

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0003-4267-7709>

leonardogomesm1997@gmail.com

A obra do filósofo e médico francês Georges Canguilhem (1904-1995) tem passado por um *revival* extraordinário. Esta redescoberta vem ocorrendo na França e para além da sua fronteira, este interesse possui um escopo interdisciplinar, na qual envolve especialistas das mais variadas áreas do conhecimento – como a biotecnologia, a ecologia, na história e filosofia da ciência, no próprio campo da medicina, a psicologia e a sociologia.

Este aumento de interesse começou pouco antes de sua morte sendo confirmado pela multiplicação de colóquios sobre o seu pensamento, monografias

¹ Publicado originalmente na Asclepio. *Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, v. 66, n. 2, p. 65-71, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/asclepio.2014.29>. Meus agradecimentos ao autor pela autorização deste ensaio. Também agradeço à Profa. Dra. Débora Aymoré (PUCPR/UFPR) pelos comentários e sugestões. Para Tawana Tábata (NT).

² Este trabalho foi realizado graças ao financiamento da Dirección General de Investigación del Ministerio de Ciencia e Innovación, dentro do projeto “Vigilância de fronteiras, colaboração crítica e reconversão: um estudo comparativo da relação entre a filosofia e as ciências sociais na Espanha e na França (1940-1990)”, referência FFI2010-15196 (subprograma FISO).

³ Professor de filosofia, Universidad de Cádiz, Espanha. Contato: francisco.vazquez@uca.es

na forma de livros ou dossiês de periódicos, traduções de seus escritos em vários idiomas e centros de pesquisa e documentação que levam seu nome (Le Blanc, 2003, p. 9; Debru, 2004, p. 28-29).

Até meados da década de 1990, Canguilhem era considerado um filósofo relevante, porém “menor” (Bouveresse, 2011, p. 8), distinguindo-se por ser professor de filósofos mais conhecidos, como Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Louis Althusser em seu círculo. Ao invés de um filósofo no sentido pleno do termo, Canguilhem era considerado um autor com uma obra relativamente limitada, isto é, a sua reflexão era muito confinada ao campo específico da história da medicina e das ciências da vida, enquadrada na chamada “escola de epistemologia histórica francesa” (Koyré, Bachelard, Cavaillès e Foucault).

Os estudos existentes, pouco numerosos até os anos noventa o apresentavam como herdeiro de um tipo de história da ciência forjado por Gaston Bachelard (a quem ele substituiu em 1955 como diretor do *Institut d'Histoire des Sciences et des Techniques* na Sorbonne) e como mestre de Michel Foucault, cuja tese ele supervisionou em 1961. A sua contribuição como epistemólogo e historiador da medicina e da biologia ficou, portanto, um pouco confusa entre a análise de bachelardiana sobre as ciências físicas e químicas e com os estudos “arqueogeonealógicos” de Foucault sobre as ciências humanas.

Essa situação começou a se alterar radicalmente a partir de 1994. Nesta data, a editora novaiorquina *Zone Books*, publicou uma extensa antologia de seus textos (Delaporte, 1994), dando a conhecer sua obra ao público anglo-saxão, pois até o momento, só haviam sido vertidos dois textos de Canguilhem, *On the normal and the pathological* (1978) e *Ideology and rationality in the history of life sciences* (1998). De fato, o público americano, cuja tradição em epistemologia estava dominada pela filosofia analítica, importada através de Wittgenstein e os exilados do Círculo de Viena⁴, que apenas haviam se interessados por Canguilhem através das suas aulas sobre Michel

⁴ Sobre a recepção britânica e americana de Canguilhem, consulte Gordon (1998) e Grene (2000) respectivamente. A respeito da recepção alemã, consulte Schöttler (2012).

Foucault, cujos textos passaram por um verdadeiro *boom* nos Estados Unidos desde a década de 1980. Todavia, a novidade dessa antologia é que ela continha uma completíssima bibliografia crítica completa sobre Canguilhem, escrita por seu discípulo Camille Limoges.

Pois bem, nessa bibliografia desse incluía a referência de 100 obras de Canguilhem, publicadas entre 1926 e 1939, a maioria delas artigos de periódicos e resenhas (em alguns casos assinados com pseudônimo), mas também três livros, um deles sendo um manual - *Traité de logique et de morale* (1939) escrito em conjunto com Camille Planet; em outros casos, escritos mais curtos. O primeiro destes, escrito em conjunto com Félicien Challaye, intitulado *La paix sans aucune réserve*, publicado em 1932. O segundo texto encomendado em 1935 pelo *Comité de Vigilances des Intellectuels Antifascistes* intitulado *Le fascisme et les paysans*.

A quase totalidade desse *corpus* havia passado despercebido pela crítica, que rotineiramente datava até então a primeira obra de Canguilhem em 1943, sua tese de medicina, defendida na Universidade de Estrasburgo, transferida para a cidade de Clermont Ferrand durante a ocupação. A tese se intitulava *Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique*. O próprio Canguilhem, a seu turno, sempre manteve silêncio sobre essa primeira etapa intelectual. Se tornava visível um “Canguilhem perdido” (Braunstein, 2011), um “Canguilhem antes de Canguilhem” (Braunstein, 2000) de modo que se estimava como sua *opera prima* era, em realidade, uma obra madura.

A bibliografia publicada por Camille Limoges colocou toda uma série de pesquisadores na trilha, começando com Jean François Braunstein e continuando com uma longa série de estudiosos como Yves Schwartz⁵, Elisabeth Roudinesco, Dominique Lecourt, Pierre Macherey, Xavier Roth, François Dagognet, François

⁵ A existência de especialistas renomados na obra de Canguilhem não se limita à própria França. Filósofos estadunidenses renomados como Arnold Davidson e Paul Rabinow, o canadense Ian Hacking e o britânico Nikolas Rose têm publicado trabalhos sobre Canguilhem. Além destes, na Itália - Bianco, Cammelli, Cutro e Paltrinelli - e na Alemanha - Deuber-Mankowsky, Mühle também já publicaram trabalhos sobre sua obra.

Delaporte, Guillaume Le Blanc, Claude Debru, Camille Limoges, Gilles Renard, Guillaume Pénisson, Cyryaque Ebissienine que, desde a segunda metade dos anos noventa, iniciaram uma reinterpretação aprofundada sobre o legado filosófico de Georges Canguilhem.

Este processo culminou recentemente com a publicação de suas *Oeuvres Complètes* (5 volumes previstos), pela editora Vrin. O primeiro tomo, publicado em 2011, contém precisamente esse “*corpus* da juventude”, *Écrits philosophiques et politiques 1926-1939*, com a inclusão de várias introduções e estudos realizados por alguns dos especialistas mencionados.

Todas essas iniciativas, desenvolvidas a partir da descoberta do “Canguilhem perdido”, levaram a uma completa reformulação do significado de sua obra. Canguilhem não é mais visto apenas como apenas um historiador da biologia e da medicina, nem sequer como um epistemólogo dessas disciplinas. Hoje, ele é considerado um filósofo em pleno sentido desta palavra, de modo que se revela sua pretensão de fundar uma antropologia filosófica (Saint-Sernin, 1996; Le Blanc, 2002 e Debru, 2004) a partir das disciplinas biomédicas, e também sua vocação como filósofo prático. Ou seja, os aspectos morais e políticos (e inclusive estéticos) aparecem como os elementos nucleares de seu programa filosófico, com um forte compromisso com os valores universais de justiça e igualdade.

A análise desse extenso trajeto juvenil, até o recentemente desconhecido, que chega à quarentena de Canguilhem, foi realizada em dois trabalhos recentes. O primeiro é uma obra coletiva, publicada em 2013, que reúne os artigos apresentados no Colóquio “*Un entre-deux-guerres philosophique: la formation de Georges Canguilhem*”, realizado *Université Paris 8*, de 14 a 15 de junho de 2012. O segundo é a tese de doutorado de Xavier Roth sobre a gênese do pensamento de Canguilhem, publicada recentemente pela Vrin.

No primeiro caso, foram coletados quase vinte trabalhos procedentes dos cinco continentes. O seu denominador comum é a exploração dos escritos do jovem Canguilhem, evitando, ao mesmo tempo, a tentação de explicar toda a obra

posterior do filósofo partindo desta etapa inicial. Os organizadores deste volume dividiram as várias contribuições em seis seções temáticas principais.

Na primeira seção (“*Philosopher*”), inclui duas contribuições (Macherey, Vauday) dedicadas a elucidar as características da atividade filosófica do jovem Canguilhem. Macherey enfatiza que a filosofia constitui, para Canguilhem, é uma tarefa normativa, não é destinada a produção de verdades, senão para considerar o valor da verdade (a ciência) em relação a outros valores (a técnica, a arte, a moral etc.). A instância a partir da qual se exerce esse exame normativo seria, para o primeiro Canguilhem, formado no idealismo kantiano de seus mestres (Alain e Lagneau), o espírito. Entretanto, desde o final da década de 1930, este seria substituído pela vida.

Aqui se entende o perfil híbrido do filosofar de Canguilhem, não centrado no pensar a partir de grandes autores da tradição filosófica, mas no material fornecido por saberes fora da história da filosofia. Vauday, por sua vez, destaca as primeiras semelhanças entre a filosofia e a medicina no jovem Canguilhem. Em ambos os casos, não se trata de enunciar grandes leis explicativas, mas de diagnosticar, de avaliar condições que são sempre singulares.

A segunda seção, (“*Pacifisme et Résistance*”), se dirige à trajetória política do pensador de Castelnau. Como explicar sua transição, em meados da década de 1930, do pacifismo proposto por Alain para seu compromisso com a Resistência francesa? Renzi Ragghianti examina os fundamentos do pensamento político de Alain e rastreia sua extensa presença nos textos do primeiro Canguilhem. Georges Navet, a seu turno, mostra de que modo uma filosofia rebelde contra a submissão aos fatos, alinhada com Alain e, ao mesmo tempo, sensível às singularidades históricas, frente ao essencialismo de Alain, Canguilhem se engaja à Resistência francesa.

A terceira seção (“*Le Penseur et le Saltimbanque*”), inclui uma série de contribuições que conectam as decisões políticas do primeiro Canguilhem com o seu temperamento filosófico como formador de julgamento. Laurence Cornu relaciona

a transformação intelectual do jovem pensador matriculando-se na Faculdade de Medicina quando era professor de filosofia em um liceu de Toulouse, com a sua inflexão política, renunciando ao pacifismo. Em ambos os casos, se constata uma tomada de partido das forças que resistem à morte, uma opção pela vida humana, concretizada no compromisso médico e antifascista.

Emmanuel Péhau, mostra de que modo o serviço militar funcionou para Canguilhem como uma experiência crucial que, ao contrário, o expôs às exigências de uma vida realmente humana, encarada como uma conquista de si por meio da formação de seu próprio julgamento. Didier Moreau encerra a seção com um artigo que expõe detalhadamente a pedagogia filosófica do Canguilhem inicial. Esta apontava para elevar a experiência humana até o ideal de justiça, para além de toda apelação uma natureza dada no homem.

Na quarta seção (“*Contre le culte du fait: critique de la psychologie et des sciences humaines*”), reúne uma série de contribuições que destacam o diálogo do jovem Canguilhem com as ciências humanas, e, em particular, seu embate com a psicologia. Jean François Braunstein, um dos principais condecorados da obra de canguilhemiana, reconstrói, mediante o estudo dos textos de juventude, a gênese dos argumentos (epistêmicos e morais) de Canguilhem contra a psicologia comportamental. Se recompõe, assim, as continuidades e os deslizamentos que conduzirão às influentes intervenções de maturidade, de 1956 e 1980, respectivamente, em que o filósofo francês lança contra essa disciplina.

Alejandro Bilbao, por sua vez, põe em manifesto como a psicanálise, ao contrário da psicologia comportamental, gozava da estima de Canguilhem, cuja antropologia do negativo não deixava de coincidir com as contribuições freudianas. Rachid Dehdouh insiste neste mesmo assunto, trazendo-o para a atualidade. Hoje em dia, a psicanálise e a psicologia cognitiva escapariam da crítica canguilhemiana, que vê na psicologia uma “escola de submissão aos fatos.”

Aurore Jacquard conclui esta seção contrastando as críticas à psicologia realizadas, respectivamente, por Canguilhem e Lacan. Ambas parecem abrir o

mesmo modo de pensar a subjetividade, situado e além da psicologia introspectiva e do behaviorismo.

Na quinta seção (“*Les valeurs de la vie, médecine, la biologie*”), se situa no momento de deslocamento canguilhemiano do idealismo ao vitalismo. Mazarine Pingot enfatiza a importância do artigo de Canguilhem sobre Descartes e a técnica (1937), tanto para a interpretação da obra cartesiana quanto para a elaboração de uma filosofia que enfatiza a predominância da técnica sobre a ciência.

Cristina López, por outro lado, recorre a Michel Foucault para explicitar o porquê de o vitalismo de Canguilhem romper com as margens da filosofia do sujeito. Esta constitui um obstáculo para compreender os nexos que vinculam a vida mesma, em suas bases moleculares, e o conhecimento biológico. Lucie Rey, entretanto, retorna ao trabalho do cirurgião René Leriche, mostrando para além das críticas feitas a ele por Canguilhem, a filiação spinozista de ambos os pensadores. Elena Donato, finalizando este bloco, em um dos trabalhos mais interessantes desta edição, reconstrói a teoria canguilhemiana da criação de Canguilhem, sugerida na década de 1930, bem como revela uma estética subjacente no pensamento de Canguilhem.

Os ensaios que compõem a sexta e última seção (“*Canguilhem, historien des sciences*”), debatem problemas que nos devolvem a imagem de um Canguilhem mais familiar, epistemólogo e historiador das ciências. Todos os textos relacionam as abordagens canguilhemianas com as de autores próximos. Pierre Cassou-Nogués, por exemplo, considera que as teses principais e a complementar, defendidas por Jean Cavaillès em 1938, inauguram essa radical conversão histórica radical do kantismo, que a própria epistemologia de Canguilhem continuou, com seus próprios meios, no campo das ciências da vida.

François Delaporte translada a discussão de Cavaillès até Michel Foucault. Polemiza com a leitura de Canguilhem efetuada por Étienne Balibar. Segundo este, a diferença foucaultiana entre “estar na verdade” e “dizer a verdade” deforma, para o seu próprio uso, o que sugeriram Koyré e Canguilhem sobre Galileu. Delaporte

desmente Balibar. Foucault compreendeu e se ateve perfeitamente a distinção que realizou seu mestre.

Permanecendo na pista foucaultiana, Monique David-Ménard identifica o eixo que vincula o fazer filosófico de Canguilhem e seu discípulo de Poitiers com a epistemologia kantiana. Do mesmo modo que o pensador de Königsberg, seus seguidores franceses modernos articulam o filosofar a partir de um duplo movimento: o gesto cético, expondo as ilusões que a razão deve romper para se constituir, e o gesto crítico, traçando os limites dentro dos quais os conceitos (Canguilhem) e os enunciados (Foucault) funcionam, delineando uma forma de racionalidade específica.

Mesmo que todos os estudos reunidos no volume compartilhem o mesmo interesse em redefinir o alcance filosófico de Canguilhem a partir da interpretação da sua obra de juventude, torna-se evidente a dispersão temática que permeia o conjunto. Isto não acontece na monografia publicada por Xavier Roth. Produto de sua tese de doutoramento defendida em 2010, sob a orientação de Claude Debru e Camille Limoges, a sua investigação se assiste a gestação de Georges Canguilhem como um dos grandes filósofos do século XX. De fato, Canguilhem se ocuparia dos problemas clássicos da filosofia, mas essa condição de filósofo ficaria encoberta pelos meios intelectuais utilizados, sustentados nos estudos de história da ciência e epistemologia.

Disto o enigmático de uma obra aparentemente modesta que influenciou decisivamente pensadores da estrutura de Foucault, Bourdieu e Althusser. Disto também o surpreendente de um autor ocupado com assuntos teóricos muito especializados e pouco dado a efusões sobre vivencias e o compromissos, que, no entanto, envolveu-se com a Resistência francesa. Disto o caráter chocante de uma reflexão sobre a medicina que, apesar de se referir a um conhecimento biomédico que em muitos sentidos se encontra ultrapassado (o das décadas de 1940 e 1950), segue conservando uma extraordinária vigência e atualidade.

Semelhante condição paradoxal é o ponto de partida do trabalho de Roth. Ele introduz o problema realizando uma introdução geral à filosofia de Canguilhem. Esta se identifica no essencial com uma história das ciências assentada em uma filosofia da medicina que aborda a vida como a criação de valores. O objetivo do livro consiste em traçar a gênese desse conceito vertebral: o de “normatividade biológica.” Sem renegar as fontes biomédicas alemãs desta noção em Canguilhem (Goldstein, sobretudo, mas também Uexküll, Herxheimer, Von Weiszacker, Jaspers) enfatiza que o encontro frutífero com a tradição teutônica só foi possível a partir da prévia formação filosófica que havia recebido.

Em seguida, trataremos de restaurar essa herança filosófica canguilhemiana verificando a categoria de “normatividade vital” e, por conseguinte, todo o projeto teórico de Canguilhem está enraizado e, ao mesmo tempo, separados dela. Esse legado em que se formou Canguilhem é do neokantismo francês, conformado principalmente em torno de uma dinastia composta por Lachelier, Lagneau e Alain. Não se trata somente de textos, senão de todo um “estilo de pensamento” (Fleck), o que é conhecido como “análise reflexiva.”

Na primeira parte de seu estudo, Roth delimita os perfis e os aspectos desse estilo, através de um conhecimento exaustivo sobre a produção juvenil de Canguilhem, tanto publicada quanto inédita, e da difícil familiaridade com as obras de seus antepassados teóricos. Analisa, assim, o modo como a conversão antropológica da epistemologia kantiana marcou decisivamente as disposições filosóficas de Canguilhem.

Lagneau e Alain desenvolveram um filosofar localizado na esteira de Kant, que consistia em um perguntar-se, diante de toda experiência dada (artística, cognitiva, perceptual, técnica etc.), cujas condições de possibilidade eram transcendentais. Estas estavam fundamentadas, em último termo, na atividade sintética do espírito, identificada com a faculdade de julgamento, isto é, com o estabelecimento de valor que unifica o dado e que está presente, Canguilhem segundo estes autores, no nível da percepção.

Alain deu à analítica transcendental kantiana um sentido decididamente moral. O juízo denotava a dignidade do sujeito, cujo empenho era a ordenação, isto é, de avaliação de uma questão que era em si caótica e indiferente. Toda a ênfase na condição normativa do fazer filosófico, toda a rebeldia diante de qualquer tipo de determinismo de qualquer índole presente em Canguilhem, encontra aqui sua raiz. Roth efetua, com a minúcia de um ourives, as variações conceituais e pessoais que ligaram o jovem Canguilhem a essa herança do kantismo francês.

Passada esta primeira etapa, na qual conta a filiação de Canguilhem com seus mestres kantianos se oferecem as primeiras pistas sobre seus deslocamentos com respeito a esse legado, se abre um capítulo de transição. A partir desse se implanta uma visão sintética da mudança na trajetória de Canguilhem.

Esta perturbação o levaria a se separar do idealismo kantiano de sua formação sem deixar por isso de conservar, como instâncias permanentes, alguns de seus motivos inspiradores. Uma chave para compreender essa mudança está contemplado no comentário entusiasta de Canguilhem publicado após o aparecimento de *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*, 1966), de Michel Foucault.

Nesse texto, o mestre parecia advertir no livro de seu discípulo uma explicação profunda de sua própria transição desde idealismo kantiano para o vitalismo. No decorrer da *episteme* moderna, as condições de possibilidade da experiência deixavam de consistir na unidade sintética da percepção, isto é, na atividade de julgamento de um sujeito pensante de um *Cogito*.

Em meados da década de 1930 e no transcurso do decênio seguinte, Canguilhem passou a identificar as condições *a priori* da experiência, não mais com o sujeito, senão com a vida encarada como a criação de valores. O *Cogito* deixava seu lugar a um transcendental objetivo e empírico, a Vida, um processo que Foucault examinou na obra acima mencionada, na escala do pensamento ocidental.

Pois bem, com base neste retrospecto que nos levou de volta a 1966, a segunda parte da monografia de Roth é dedicada a reconstruir, passo a passo,

delimitando cuidadosamente suas distintas etapas, esse processo de ruptura de Canguilhem com a sua herança kantiana. Na realidade, trata-se de um deslocamento, pois o problema central se mantém constante, e não é outro senão o da unidade da experiência. O que unifica a experiência e seus diferentes registros valorativos?

O retrato que se efetiva dessa evolução se distancia uma imagem linear. Se Lagneau já havia mostrado que o entendimento como faculdade teórica se subordinava ao juízo como decisão avaliativa, Canguilhem ia enfatizar, após o longo desvio reflexivo dos anos trinta sobre a precedência da técnica e da criação, que a medicina constitui um saber normativo, baseado no ato de julgar, que, por sua vez, corresponde à atividade normativa do vivente. Essa mudança do entendimento para o juízo e do juízo para a ação também tem também sua vertente prático-política.

Canguilhem foi um fiel seguidor do pacifismo de Alain, mas com a nova tendência para o concreto - que o filósofo de Castelnaudary compartilhava com sua unidade geracional, para a primazia da ação sobre os princípios teóricos - levou-o a desenvolver uma sensibilidade para as singularidades históricas que faltava em seu mestre.

Aqui, se situam o interesse e, ao mesmo tempo, a hesitação de Canguilhem em relação ao marxismo, que atingiu seu auge em 1935, com a publicação de *O fascismo e os camponeses* (*Le fascisme et les paysans*), na qual Roth examina minuciosamente. Aqui se localiza, além disso, a proximidade vivida por Canguilhem em Toulouse, com os espanhóis republicanos e a experiência com o fascismo e a guerra. Isto seria decisivo, segundo Roth não apenas na biografia política de Canguilhem, com a renúncia ao pacifismo, e no modo de levantar o problema da unidade da experiência. Aqui se destaca o encontro com Cavaillès e a decisão de envolver-se ativamente na Resistência.

Em sua exposição, Roth considera cruciais para marcar a distância de Canguilhem de Alain, as reflexões sobre técnica e a criação, publicadas no final dos anos trinta e início dos anos quarenta. A técnica, guiada por exigências vitais, implica

ir além da vontade de verdade ditada pelo entendimento; se funda em ficções, em erros que somente *ex post facto* serão denunciados pelo pensamento científico.

Essa prioridade do erro e da ficção era inadmissível no programa filosófico e na análise reflexiva de Alain. O passo seguinte consistirá em identificar a vida e as suas necessidades (“exigências dos viventes”) como raiz desse movimento de construção e destruição de ficções, que, em último termo, caracterizará a história das ciências biológicas. Nessa pendência, Canguilhem encontrará a epistemologia bachelardiana e a sua primazia do “erro”, da “correção” e da “ruptura epistemológica.” Por outro lado, a identificação da “vida” como uma atividade sintética ordenadora da experiência adquirirá forma no conceito chave de “normatividade vital.”

Roth reconstrói essa travessia com rigor e meticulosidade, deslindando os principais debates, as convergências e as divergências, revisando alguns tópicos (a relação do tronco Alain-Canguilhem com o vitalismo de Henri Bergson (1859-1941)) e problematizando outros (questionando a influência sobredimensionada de Goldstein, Marx, ou Nietzsche sobre Canguilhem).

Trata-se sem dúvida de uma história internalista, centrada em delimitar as afiliações e as transformações conceituais (sobretudo no eixo constituído por Lagneau, Alain e Canguilhem) mas que não deixa de evocar a relação dessas com as alterações na biografia política de Canguilhem e com a atmosfera cultural e social do momento. Entretanto, seria conveniente completar o estudo histórico-conceitual de Roth com um estudo sociogenético que explore com profundidade a formação do *habitus* filosófico de Canguilhem no entrelaçamento dos universos social e intelectual, como Moreno Pestaña (2006) fez com Foucault. Mas essa é outra tarefa.

Os dois textos discutidos podem ser tomados como um incentivo para uma recuperação hispânica da obra de Canguilhem. De fato, já existem sinais de interesse renovado por sua obra nos países de língua espanhola. Há alguns anos, a editora Amorrortu, de Buenos Aires, está publicando as principais obras de maturidade do

filósofo francês, que ainda não foram publicadas em nosso idioma⁶, assim como a literatura secundária também começa a proliferar. Em nosso país, com exceção de caso isolado de alguns historiadores da medicina (Laín Entralgo e especialmente Felipe Cid), este autor só começou a despertar interesse a partir da década de 1970, lido a partir da interpretação que faziam os discípulos do filósofo marxista Louis Althusser como o forjador de uma epistemologia de base materialista.

Posteriormente, as referências a Canguilhem vieram sobretudo dos comentaristas espanhóis da obra de Foucault dado o eco extraordinário que o pensamento de Foucault teve em nosso país. Curiosamente, uma filosofia como a de Canguilhem, identificada explicitamente com um “vitalismo racionalista” que guarda tantas semelhanças, em sua filosofia da vida como “aventura”, da técnica, do perspectivismo, de ética “desportiva” (Braunstein, 2011, p. 118) e em sua antropologia, com o “raciovitalismo” de Ortega e com a filosofia médica de Laín Entralgo (Montiel, 2008), até agora não foi estudada na Espanha por si. É hora de mudar isso.

* * *

⁶ *Escritos sobre la medicina* (2004), *Estudios de historia y de filosofía de las ciencias* (2009) y *Ideología y racionalidad en las ciencias de la vida* (2005). Anteriormente, estavam disponíveis apenas *El conocimiento de la vida* (Barcelona, Anagrama, 1976. Traduzida a partir da edição francesa de 1965), *La formación del concepto de reflejo en los siglos XVII y XVIII* (Barcelona, Avance, 1975. Atualmente, é uma edição difícil de encontrar) *Lo normal y lo patológico* (Buenos Aires, Siglo XXI, 1971. Traduzida a partir da edição francesa de 1966).

REFERÊNCIAS

Bouveresse, Jacques (2011). “Préface aux Oeuvres Complètes de Georges Canguilhem”. En: Canguilhem, Georges, **Oeuvres Complètes. Écrits philosophiques et politiques 1926-1939**, Paris, Vrin, pp. 7-69.

Braunstein, Jean François (2000). “Canguilhem avant Canguilhem”, **Revue d'histoire des sciences**, 53 (1), pp. 9-26.

Braunstein, Jean François (2011). “Introduction. À la découverte d'un Canguilhem perdu”. En: Canguilhem, Georges, **Oeuvres Complètes. Écrits philosophiques et politiques 1926-1939**, Paris, Vrin, pp. 101-137.

Debru, Claude (2004). **Georges Canguilhem, Science et no science**, Paris, Éditions Rue d'Ulm.

Delaporte, François (ed.) (1994). **A vital rationalist. Selected writings from Georges Canguilhem**, New York, Zone Books.

Gordon, Colin (1998). “Canguilhem: life, health and death”, **Economy and Society**, 27 (2-3), pp. 182-189.

Grene, Marjorie (2000). “The philosophy of science of Georges Canguilhem: a transatlantic view”, **Revue d'histoire des sciences**, 53 (1), pp. 47-6.

Le Blanc, Guillaume (2002). **La vie humaine. Anthropologie et biologie chez Georges Canguilhem**, Paris, PUF.

Le Blanc, Guillaume (2003). “Présentation”. En: Le Blanc, G. (dir.), **Lectures de Canguilhem. Le normal et le pathologique**, Paris, ENS Éditions, pp. 9-16.

Montiel, Luis (2008). “Actualité de la philosophie de la médecine de G. Canguilhem, P. Laín et E. Rothschild dans la formation des médecins”. En: Fagot-Largeault, Anne, Debru, Claude, Morange, Michel, Han, Hee Jin (eds.), **Philosophie et Médecine. En hommage à Georges Canguilhem**, Paris, Vrin, pp. 203-219.

Moreno Pestaña, José Luis (2006). **En devenir Foucault. Sociogénèse d'un grand philosophe**, Paris, Éditions du Croquant.

Saint-Sernin, Bertrand (1996). “Une anthropologie biologique et historique”, **Cahiers Philosophiques**, 69, pp. 57-65.

Schöttler, Peter (2012), “Sur la réception de ‘l'épistémologie française’ en Allemagne”. En: AAVV., **Epistemology and History from Bachelard and Canguilhem tot today history of science**, Berlin, Max-Planck-Institut für Wissenschaftsgeschichte, pp.41-46.

Recebido 02/02/2025

Aprovado

15/08/2025

Licença CC BY-NC 4.0

